

Micro-territorialidades em movimento: habitar pelas brechas em Rio Claro SP

Micro-territorialities in motion: inhabit the gaps of Rio Claro SP

Hélio Hirao

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Presidente Prudente, Brasil

helio.hirao@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-0052-6788>

Thamine de Almeida Ayoub Ayoub

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Presidente Prudente, Brasil

thamine.ayoub@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-3036-7589>

Evelyn Caroline da Silva Camara

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Bauru, Brasil

evelyn.camara@unesp.br

<https://orcid.org/0009-0005-2217-5500>

Recebido em: 08 de maio de 2025

Aceito em: 08 de junho de 2025

Resumo

A pesquisa experimental e processual atravessa o cotidiano da cidade de Rio Claro, com o procedimento da deriva e cartografia em diálogo com a etnografia no espaço da Estação Ferroviária, que perdeu suas funções originais, funcionais e produtivas, permitindo-se ser afetado para apreender os modos de habitar heterogêneos que a compõem. O olhar pela borda transborda os territórios lineares, funcionais e produtivos demarcados como muros, visibilizando brechas dos espaços rejeitados e escondidos do subalterno. Como resultado, são apreendidos espaços em constante movimento de transformação construídos e habitados pelos corpos do lugar, em processos de desterritorialização e reterritorialização, em que o espaço estriado, normatizado e institucionalizado com os fragmentos das microrresistências coloca em regime de visibilidade o espaço liso, resignificando e intensificando seus desejos e afetos, expressando pertencimento e apontando para a construção coletiva da cidade. Desse modo, busca contribuir para reflexões metodológicas acerca do registro dos afetos nos processos descritivos e analíticos que constituem em si um retorno ao campo.

Palavras-Chave: Cartografia; Etnografia; Espaço Liso e Estriado; Máquina de Guerra; Micro-territorialidades

Abstract

The experimental and procedural research traverses the daily life of the city of Rio Claro, with the procedure of drift and cartography in dialogue with ethnography on the Railway Station, that lost its original, functional and productive functions, allowing ourselves to be affected while apprehending the heterogeneous inhabiting that composes it. The observation through the edge overflows linear, functional and productive territories, delimited by walls, opening visible gaps of rejected and hidden spaces of the subaltern. As a result, spaces in constant movement of transformation were apprehended, built and inhabited by the bodies, in processes of deterritorialization and reterritorialization, where striated, standardized and institutionalized space, with the fragments of microresistances creates the smooth space in regime of visibility, resignifying and intensify its desires and affections, expressing belonging and pointing to a collective construction of the city. Therefore, we seek to contribute to methodological reflections about recording affections in descriptive and analytical processes that represent themselves a return to the field.

Keywords: Cartography; Ethnography; Smooth and Striated Space; War Machine; Micro-territorialities

Introdução

O artigo relata experimentações espaciais com reflexões analíticas sobre modos de habitar a cidade. Com o caminhar e o cartografar como procedimento metodológico de identificação e reconhecimento dos fragmentos do cotidiano, em processo constante de transformação, se insere intervindo no plano coletivo de forças, se abrindo ao pulsar da vida que atravessa seu corpo, ao afetar e ser afetado, aprendendo e expressando as ações da vida do dia a dia. Permitir-se ser afetado torna-se um aspecto central para o trabalho de campo.

Nesse processo, visualiza territorialidades que transbordam o plano de formas instituído, das normas estabelecidas, provocando desestabilizações ao encontrar os corpos no “entre” territórios, que escapa ao reconhecimento automático e emergem ao compor com a processualidade que habita essa ambiência heterogênea e singular.

Ao habitar pelo caminhar, a borda com os corpos do lugar, relata o que se move no presente, que possui uma duração, com uma espessa camada temporal acumulada de formas arquitetônicas e sociabilidades singulares que, devido ao contexto político e econômico, perdeu sua funcionalidade e produtividade, foi deixada abandonada pelas instituições e aberta para outras ocupações.

Dessa forma, alunos de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista - UNESP e de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), também da UNESP, coordenados por dois docentes autores do artigo, realizaram uma expedição científica na cidade de Rio Claro, cidade de médio porte do interior paulista, em fevereiro de 2024 como parte das atividades do Projeto de Pesquisa Regular FAPESP nº 2022/14934-4 - Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial, no qual os grupos de pesquisas “Projeto, Arquitetura e Cidade” - GPArC, Núcleo de Estudos e Patrimônio e Projeto - NEPP e “Memória Ferroviária” experimentam diversas metodologias de aproximação da realidade das cidades.

O grupo de pesquisa GPArC-NEPP vem experimentando e aprofundando o método experimental e processual da Deriva e Cartografia. A partir das discussões dos estudos de Debord (1958), Careri, (2013), Jacques, (2012), Rocha; Santos (2023), entre outros, se abre ao movimento dos procedimentos metodológicos na prática do trabalho

de campo, sempre coletivamente, se adequando às condicionantes que surgem ao habitar o lugar e aos desvios e mudanças que acontecem ao acaso, sempre diferente do anterior.

Nesse sentido, o caminhar que se iniciou em um processo automatizado ou flutuante, desterritorializa e evolui para um reconhecimento atento e participativo com as conexões entre corpos, formas e forças heterogêneas. Alinhado aos preceitos da etnografia, o campo é o ponto de partida da pesquisa, e a teoria é o “ponto de chegada” (Rizek, 2013, p.24). É a partir da presença atenta no movimento do campo que se revela o que está além das representações, os modos e as práticas singulares do habitar.

Em um dia de muito sol do verão de 2024, a deriva foi realizada com aproximadamente duas horas (duração máxima em que os sentidos humanos estão atentos, verificada pelas experimentações realizadas), com o trajeto registrado pelo GPS, munidos de caderno de bordo para anotações verbais e desenhos, celulares para fotografar ambiências e gravar sons do ambiente e de conversas informais com os sujeitos encontrados ao acaso no território. Logo depois, reunidos em uma sala do hotel, escreveram frases das sensações capturadas na deriva, sucessivamente escritas no computador, sem nenhuma ordem, compondo narrativas da experimentação. Depois, conjuntamente, espacializaram visualmente em cartografias visuais o processo do afetar e ser afetado, expressando em verbos, desenhos e colagens. As múltiplas formas de registro, ampliando a forma do caderno de campo, possibilita expandir a expressão da subjetividade do afeto.

Compreender o afeto como parte da experiência humana e deixar-se afetar pelo campo torna-se central enquanto princípio metodológico. Desse modo, abre-se o desafio de soltar o controle dos caminhos da pesquisa, de deixar o campo conduzi-los. A abertura a tais aspectos subjetivos implica em explorar outras formas de registro de campo, visto que “no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la” (Favret-Saada, 2005, p.160).

Com a utilização desse banco de dados sistematizado, compondo com as diversas ferramentas de apreensão e cognição da realidade desse espaço do Patrimônio Ferroviário Industrial de Rio Claro, por meio de um processo de adição e transversalização, não linear, com o conteúdo teórico acumulado, geraram análises e reflexões em aberto, em movimento e efêmeros, identificando fragmentos de

territorialidades singulares e possibilitando se abrir para montagens, desmontagens e remontagens em constelações (Jacques, 2001) em constante transformação.

Assim, essas análises e reflexões impulsionadas pelo campo e apoiadas na teoria seguem no artigo, passíveis de serem desdobradas em discussões que visem o aprofundamento do debate das questões abordadas. Elas evidenciam contradições e dissensos onde aparentemente há consenso e iluminam aspectos das microrresistências presentes e persistentes diante das normas e ações estatais. Busca-se, desse modo, valorizar a produção coletiva da cidade e as ambiências que resultam das intervenções espontâneas, dando concretude ao patrimônio vivido, e contribuir para reflexões em conjunto com o campo da antropologia social.

Espaço Liso e Espaço Estriado

As primeiras sensações com apreensões, ainda sobre a cidade, o reconhecimento flutuante, o momento do rastreio, de um olhar genérico, relata o plano das formas bem definidas e estáticas. A Estação Ferroviária (Figura 1) não transporta nem passageiros, nem cargas, apenas estaciona, à espera, vagões a serem tratados na *gare* de manutenção. Parte do espaço abriga o terminal rodoviário municipal, outra, um museu ferroviário e espaços para atividades culturais efêmeras.

Figura 1- Estação Ferroviária



Fonte: GPArC, 2024

No plano das formas estabelecidas (Figura 2), destacam-se os muros que tentam separar a *gare* dos vagões. A linearidade domina o espaço, inscrita nas formas dos ônibus, dos vagões e dos prédios, que acompanham o movimento nesse sentido da funcionalidade e da produtividade.

Figura 2- Plano das Formas



Fonte: GPARC, 2024

No entanto, ao toque dos afetos, o momento do pouso, do olhar atento, no reconhecimento das sensações com a cidade, visibiliza pistas (Figura 3) de outros corpos habitando o espaço. Ao permitir-se ser afetado, encontra-se o que não foi procurado (Strathern, 2014) e sensibiliza-se para compreender as múltiplas formas do habitar.

Os resíduos sólidos encontrados nos espaços vazios indicam presença de corpos vulnerabilizados habitando o lugar. Vultos desses corpos cruzam o espaço rapidamente, movimentos efêmeros organizam o espaço de seu viver de outros modos singulares, assim como os corpos vegetais que surgem nas brechas possíveis participando e compondo uma paisagem, também singular.

Figura 3 - Pistas de outro modo de habitar o espaço



Fonte: GPARC, 2024

O espaço que se apresenta à primeira impressão como homogêneo, organizado, hierarquizado, segmentado, delimitado, com fronteiras e limites claros, se caracteriza por ser controlado, planejado, funcional e produtivo, se aproxima do conceito de espaço Estriado (Deleuze; Guattari, 2012). Quando experimentado, de dentro das forças que atravessam os corpos se abre à fluidez, transbordando e rompendo as fronteiras fixas em brechas que surgem efêmeras, tecendo espaços, agora nômades e existenciais como fragmentos heterogêneos conectados por trajetos e territorialidades imprevisíveis, mas também produtora de vida e que expressam outros modos de habitar a cidade. São, portanto, espaços Lisos (Deleuze; Guattari, 2012), abertos à apropriação espontânea que coexistem com os espaços Estriados; simultaneamente, se tornam visíveis de acordo com os interesses envolvidos, ora transvestido de uma característica ora de outra (Deleuze; Guattari, 2012). A cidade caminha com conflitos e aproximações, a vida cotidiana se apresenta com intensidade e potência de expressar o rizoma que a atravessa.

Máquina de guerra e o Aparelho de Estado

A paisagem composta pelas edificações, vagões, trilhos, muros, vegetação, pessoas trabalhando ou em trânsito, memória afetiva dos tempos anteriores acumulados na ferrovia, congelada e romantizada, que persiste e não existe mais e está presente materialmente em ruínas preservadas, conflui para uma atmosfera de normalidade, funcionalidade e produtividade, caracterizando um território aparentemente fixo, ordenado, normatizado e controlado que opera, em grande medida, de acordo com as estruturas do poder instituído.

No entanto, a cidade é múltipla, heterogênea e diversa, seus corpos são atravessados pelos afetos que se manifestam e que estão em constante movimento de transformação, acolhendo diferentes modos de existência, compondo a tessitura das suas relações.

Nesse sentido, o processo de desterritorialização¹ potencializa a força criativa, abrindo-se às experimentações com invenções e resistências à margem da lógica estatal instituída. Essa força criativa manifesta-se silenciosa e efêmera, aproximando-se do

¹ A desterritorialização é entendida aqui como movimento e processo na busca por se abrir para outros “campos de possível, tensões de valor, relações de heterogeneidade, de alteridade, de devir outro” (Guattari, 1992, p.40), que confronta “a contingência, a causalidade linear, o peso dos estados de coisas e das significações que nos assediam. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da re-singularização” (Guattari, 1992, p.42), da não-discursividade. Trata-se, assim, de um movimento que busca encarnar “uma posicionalidade subjetiva” (Guattari, 1992, p.102).

conceito de Máquina de Guerra (Deleuze; Guattari, 2012) ao se abrir com forças que se caracterizam como linhas de fuga, criando novas ações possíveis e promovendo tensões com o poder instituído que tenta capturar, regular e normatizar. Essas brechas compõem com o cotidiano da cidade.

Desse modo, os tapumes negros que delimitam territórios, as linhas lineares contínuas de vagões, de ônibus, de bancos, de pisos, são atravessados por brechas que contém as pistas de modos de vidas de corpos vulnerabilizados, como pessoas em situação de rua e plantas ruderais, como de atividades que expressam o sentimento de pertencimento ao lugar com o cultivo de hortas, pomar ou prática de atividades artísticas circenses (Figura 4), configurando microrresistências, pequenos fragmentos que potencializam tessituras de conexões rizomáticas em constelações, operando silenciosas entre as possibilidades de habitar de outro modo, invisível e possível, a cidade da multiplicidade, heterogeneidade e diversidade.

Figura 4- Máquina de Guerra nas brechas do instituído



Fonte: GPARC, 2024

Habitar singular das bordas da cidade

A iniciativa de utilizar os tapumes para cobrir a área onde se localizam os vagões, encobrindo da mesma forma as apropriações dos espaços residuais e dos barracões abandonados, acompanhando a linearidade da ferrovia, delimitou uma separação, um limite linear entre as duas áreas: a área em uso pela prefeitura que pode ser vista e visitada, e a área que deve ficar oculta. No contexto urbano, em uma perspectiva fenomenológica, esses limites incorporam aspectos simbólicos tão importantes para compreensão do urbano quanto seus aspectos físicos (Arroyo, 2007).

Ao não resumir o limite a uma barreira física, ele pode ser interpretado como uma borda ou uma margem. Para Arroyo (2007), no campo da arquitetura o conceito de borda pode ser relacionado, principalmente, a duas ideias: a de fechamento, que gera uma separação (mais ou menos fluida) entre campos bem definidos; ou a um campo intermediário que se configura entre duas porções adjacentes. Ambas as proposições auxiliam na apreensão e interpretação da área em estudo.

A primeira ideia evidencia, a princípio, aspectos da forma do espaço já mencionado. A linearidade do espaço imposta, primeiro, pela forma da ferrovia, é reforçada pela arquitetura das edificações adjacentes e pela barreira composta pelos tapumes escuros acompanhando o formato dos vagões estacionados. Desse modo, cria um limite, um fechamento que configura uma borda e demarca territórios aparentemente em oposição: o lado de “fora” e o lado de “dentro”, o movimento do fluxo cotidiano do terminal e o tempo paralisado do museu, o lugar visível e aberto a visitas e o lugar rejeitado e escondido do subalterno.

Embora tais configurações criem dicotomias facilmente percebidas, como fora e dentro, movimento e paralisação, aberto e fechado, etc., gera, também, um espaço “entre”. Neste espaço, o fora é percebido de dentro, e vice-versa; os objetos revelam a passagem do tempo congelado da museificação; os rastros revelam apropriações outras dos espaços; o que deveria estar escondido, é visto. Essa indeterminação que se revela nas bordas e pelas bordas demonstra os limites do planejado, daquilo que é imposto, e revela territorialidades que exprimem a resistência e a singularidade de outros modos de habitar. Essas territorialidades estão expressas nos barracões abandonados que se tornaram abrigo cedido pelo Estado para realização de atividades culturais inclusivas (aulas de boxe e de arte circense), nos espaços verdes residuais onde foram plantadas árvores frutíferas, plantas ornamentais e hortas, no degrau que virou estar, no vagão que virou casa.

Ora, se o ato de habitar pode ser entendido como o modo como um indivíduo se relaciona com o mundo, o conjunto de rituais que organizam a rotina do dia a dia e que contam como esse indivíduo se adapta ao mundo, ele é um ato simbólico (Pallasmaa, 2017). Há também, portanto, uma dimensão simbólica dessas bordas (Arroyo, 2007) que extrapola seu aspecto físico e que revela as singularidades do lugar.

Em relação a esse seu aspecto simbólico, entendendo a borda como sinônimo de margem, cria-se um aspecto de indeterminação que é, em parte, resultado da abertura de

um “espaço” entre os corpos, a lei e a disciplina, já que nessas bordas (ou margens) o Estado redefine constantemente as formas de governar e legislar e, por isso, torna-se ilegível (Das e Poole, 2004). Assim, nas bordas abrem-se as brechas (inclusive jurídicas) que, por sua indeterminação inerente, tornam possível que corpos subalternizados recuperem pertinência e legitimidade (Arroyo, 2007). Nessas bordas revelam-se, do mesmo modo, as práticas do Estado na gestão do espaço e do patrimônio, na mediação entre as atividades previstas e espontâneas, na aplicação e na supressão das normas e leis.

A ação do Estado está expressa na artificialidade de objetos e fotos expostas e do discurso composto a partir de um roteiro linear e consensual, que se opõe à autenticidade e a resistência das apropriações espontâneas, nos depoimentos informais e no movimento da vida cotidiana. O Estado busca anular a manifestação da vida que pulsa e se expressa visando manter o controle sobre o uso, a apropriação e a presença, mas o habitar subalterno manifesta-se como microrresistência. Esse espaço carregado de contrastes evidencia o conflito, a complexidade e a complementaridade das coexistências e elucida as potências das bordas para os estudos urbanos.

Cartografia afetiva e a visibilização das brechas.

A pesquisa se abre à apreensão da potência de produção da vida na cidade, colocando-se “entre” o plano coletivo de forças que atravessam os corpos, na tentativa de identificar e reconhecer o que acontece no espaço instituído da Estação Ferroviária de Rio Claro.

Se distancia do olhar mecanizado do caminhar cognitivo automático sobre a cidade, para ser tocado pelo atravessamento de afetos, parar e pousar, ativando o reconhecimento atento com a cidade para apreender com o que se move no presente, acompanhando a processualidade que a habita (Kastrup; Passos, 2013). Assim, ao se emergir no espaço, produz, constrói, visibiliza e mapeia as narrativas do processo urbano com as tensões e aproximações de seu cotidiano, de uma cidade que está sendo inventada e transformada por todos, em que não se tem que se adaptar, mas na qual acompanha seu movimento (Kastrup, 2016).

A caminhada possibilita que o pesquisador penetre na dimensão cotidiana do fazer, uma imersão nas relações que se estabelecem, acompanhando o movimento do cotidiano urbano “de perto e de dentro” (Magnani, 2002). Nesse sentido, a caminhada

realizada coletivamente nas ambiências da Estação Ferroviária se abriu aos territórios instituídos para habitar suas territorialidades singulares, depois compostos em narrativas visuais e coletivas construindo expressões cartográficas expressivas (Figura 4).

Figura 4- Processo de elaboração da expressão cartográfica



Fonte: GPARC, 2024

As cartografias produzidas coletivamente narram essa imersão no plano da experiência realizada. Nesse processo de desterritorialização e reterritorialização vão surgindo os fragmentos, as micro-territorialidades outras, transgredindo a cidade planejada e organizada, evidenciando linhas de habitação em meio às linhas de circulação, de ocupação. As brechas efêmeras atravessam a estrutura rígida instituída, formando constelações da vida do dia a dia, sempre diferente da anterior, criando outra cidade.

Tomando a ideia de momento etnográfico (Strathern, 2014) como o momento de imersão que conecta os dois campos da pesquisa, o campo da incursão e um segundo campo recriado no momento da escrita, entende-se aqui a cartografia expressiva como possibilidade de expansão desse segundo campo, superando as limitações do texto para a expressão dos afetos, contribuindo para a junção do que “é entendido (analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise)” (Strathern, 2014, p.350).

Figura 6- Expressão cartográfica visual



Fonte: GPARC, 2024

Do mesmo modo, ao se compor, as coletas de objetos descartados no território, com as de corpos vegetais e materiais que afetaram o grupo, reuniu suportes de memórias anteriores que foram utilizados e depois abandonados e que perderam conexão com o espaço e com os corpos vegetais e materiais que resistem no lugar, muitas vezes expressando o acolhimento dos sujeitos que a habitam de outra forma, dos padrões da cidade funcional e produtiva, remontando a complexidade dos tempos heterogêneos e dos corpos singulares que compõem o dia a dia da Estação Ferroviária de Rio Claro (Figura 7).

Figura 7 - Expressão cartográfica das coletas



Fonte: GPARC, 2024

Análises e Reflexões em aberto

Espaços em movimento constante de transformação acompanham o movimento do caminhar, a experiência de percorrê-lo da ordem do vivo, onde os corpos (humano e vegetal) constroem e transformam continuamente o cotidiano do lugar (Jacques, 2001). Assim, o desafio metodológico de superar o reconhecimento automatizado da cidade e de suas dinâmicas é enfrentado por meio da deriva e da cartografia que, ao recolocarem o corpo no espaço para um “fazer com” e habitar em conjunto, no presente, permitem a aproximação com as singularidades do lugar.

A partir dessas questões, este trabalho também busca contribuir para reflexões metodológicas no campo da antropologia social e outras ciências sociais que buscam incorporar e expressar os afetos que atravessam e são atravessados pelas singularidades dos lugares.

Atentos à ação do Estado e às microrresistências, observa-se que o espaço estriado desterritorializado converte-se em espaço liso que, reterritorializado, conflui para o estriado e, assim, se transvertem sucessivamente, desenhando o movimento da vida que constrói a cidade. A máquina de guerra provoca os fragmentos das microrresistências a serem colocados em regime de visibilidade para, silenciosamente, transformar e ativar os modos outros de habitar a cidade.

Esse processo de experimentação espacial mostra com clareza que os corpos sedentários, que circulam nos espaços planejados e construídos, funcional e produtivamente pelas ambiências da Estação Ferroviária de Rio Claro, apenas as ocupam, enquanto os corpos nômades habitam e vivenciam com intensidade a vida cotidiana e pulsam a vida por meio das brechas que se abrem nas bordas e pelas bordas das práticas do Estado.

São nessas bordas que as singularidades dos modos de habitar ganham forma e dão vida ao patrimônio industrial que perdeu suas funções originais e encontra-se em um campo de disputas em torno de sua apropriação. Evidencia-se, por meio das análises desenvolvidas no texto, que as ações correntes de proteção, preservação e reuso a que estão submetidos esses espaços carecem de um olhar sensível, democrático e múltiplo para que reflitam a potência do habitar. Por isso, a pesquisa propõe a abertura aos afetos como forma de ocupar e habitar o lugar, “em vez de imaginar-se lá” (Favret-Saada, 2005, p. 159).

Desse modo, preservar e intervir com outra abordagem, com a participação ativa dos corpos que a habitam, possibilitam ressignificar e intensificar seus desejos, seus afetos, enfim, expressarem intensamente a relação de pertencimentos desses corpos com suas ambiências singulares, visibilizando e valorizando a coexistência do dissenso e apontando para a construção coletiva da cidade.

Agradecimentos

O artigo é produto das expedições científicas realizadas com o Projeto de Pesquisa - Regular FAPESP 2022/15050-2, Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial.

Referências

- ARROYO, Julio. Bordas e espaço público. Fronteiras internas na cidade contemporânea. *Arquitextos*, São Paulo, ano 07, n. 081.02, Vitruvius, fev. 2007 Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/269>>
- CARERI, F. *Walkscapes : o caminhar como prática estética*. 1a. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- DAS, V.; POOLE, D. (Ed.). *Anthropology in the margins of the state*. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DEBORD, G. *Teoria da Deriva*. Disponível em: <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriv-a.pdf>>. Acesso em: 24 maio. 2023.
- FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*. n.13, p. 155-161, 2005.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992. 208 p.
- JACQUES, P. B. Estética da ginga: Arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- JACQUES, P. B.. *Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- PALLASMAA, J. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- KASTRUP, V. Cartografia Enquanto Método de Investigação: Uma Conversa com Virgínia Kastrup. *Indisciplinar*, v. 2, n. 2, p. 17–30, 1 dez. 2016.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, p. 263–280, ago. 2013.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. Brasileira de Sociologia*. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>

ROCHA, E.; SANTOS, T. B. D. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*, n. 281.05, 2023.